O discurso de que a Europa está em "decadência" devido à imigração ou à perda de valores ocidentais – defendido por figuras como Donald Trump, JD Vance e seus aliados – é um diagnóstico equivocado. Como apontou o Wall Street Journal em 12 dezembro de 2025, o verdadeiro desafio do continente não é cultural, mas fiscal e estrutural: seus sistemas de bem-estar social, projetados para uma realidade demográfica calibrada ainda com valores da entrada no século XX, estão falhando em responder às demandas do século XXI.

Enquanto Trump e Vance acusam a imigração de "apagar a civilização europeia", os dados mostram que o problema central é outro: a insustentabilidade dos modelos de aposentadoria e previdência, criados quando a expectativa de vida era abaixo de 50 anos – não de 80 ou 90, como hoje. Países como França, Alemanha e Itália destinam entre 27% e 30% de seu PIB a gastos sociais, enquanto os EUA gastam menos de 20%. O resultado? déficits crônicos, tensões intergeracionais e uma economia asfixiada por impostos altos, que inibem inovação e crescimento.

A narrativa de "decadência" ignora um fato crucial: a Europa não está em declínio, mas em transição demográfica. O envelhecimento populacional e os avanços científicos que estendem a vida exigem um novo pacto social, não um retorno a mitos nacionalistas ou a políticas de austeridade cega.

O custo da inércia: déficits fiscais e desigualdades

O Wall Street Journal destaca que a Europa, sobrecarregada por altos impostos e dívidas crescentes, luta para financiar até mesmo suas necessidades básicas, como defesa. A França, por exemplo, gasta 30,6% de seu PIB em bem-estar social, mas reluta em ajustar a idade de aposentadoria, gerando protestos e instabilidade política. Enquanto isso, a população envelhece, e os jovens são sobrecarregados com a conta de um sistema que não foi projetado para durar tanto – nem para ser tão rígido.

A desigualdade intergeracional se agrava: os mais jovens pagam pelos benefícios dos mais velhos, enquanto enfrentam um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e instável. Sem reformas, esse ciclo vicioso só tenderá a piorar, especialmente com o avanço da longevidade. A pergunta que poucos se fazem é: por que insistir em um modelo que não funciona, quando poderíamos reinventá-lo?

A longevidade como oportunidade: rumo a um pacto multigeracional

A solução não está em cortar benefícios ou aumentar a idade de aposentadoria de forma arbitrária. Está em repensar o próprio conceito de envelhecimento e produtividade. A longevidade não é um fardo, mas uma oportunidade para criar um novo pacto social multigeracional, que:

– Flexibilize a transposição para a aposentadoria: Em vez de uma ruptura abrupta aos 65 anos, permita transições graduais, com redução de jornada, mentoria ou trabalho voluntário. Muitas pessoas nessa faixa etária têm experiência valiosa para compartilhar e não querem – nem precisam – parar de contribuir.

– Incentive a educação contínua: Preparar as pessoas para carreiras mais longas e diversas, com reciclagem profissional ao longo da vida. A aprendizagem não deve terminar aos 20 ou 30 anos; deve ser um processo contínuo, adaptado às mudanças tecnológicas e sociais.

– Promova a colaboração entre gerações: Redes de apoio mútuo, como moradias compartilhadas entre jovens e idosos, ou projetos sociais que integrem todas as faixas etárias, podem reduzir a pressão sobre os sistemas de bem-estar e fortalecer o tecido social.

– Reforme os sistemas de saúde e previdência: O foco deve estar na prevenção e na qualidade de vida, não apenas no tratamento de doenças. Investir em saúde preventiva e em tecnologias que

prolonguem a autonomia dos idosos é essencial para tornar a longevidade sustentável.

Exemplos e inspirações: inovação e ciência a serviço da longevidade

A Alemanha tem discutido um conceito promissor, embora ainda em debate: a "Aposentadoria Ativa". Em vez de incentivar a saída precoce do mercado de trabalho, o país explora modelos que premiam a continuidade da atividade produtiva, especialmente para profissionais com mais de 65 anos. Uma das propostas em análise é a concessão de incentivos fiscais significativos, como isenção de impostos sobre renda de até 2.000 euros por mês para quem optar por permanecer ativo – seja em regime de meio período, consultoria ou mentoria. Essa abordagem, se implementada, poderia aliviar a pressão sobre o sistema previdenciário e reconhecer que muitos idosos não querem – nem precisam – se aposentar completamente. Em vez de serem vistos como um "custo", passariam a ser tratados como ativos valiosos para a economia e a sociedade.

Enquanto isso, a ciência está redefinindo o que significa envelhecer. A "juventude biológica" não é mais uma metáfora, mas um campo de pesquisa concreto, impulsionado por avanços como biomarcadores de envelhecimento e drogas de reversão e reparo celular. Empresas e laboratórios ao redor do mundo estão desenvolvendo bancos de biomarcadores – como os projetos do Buck Institute for Research on Aging (EUA) e do Max Planck Institute (Alemanha) – que permitem monitorar e intervir no processo de envelhecimento com precisão sem precedentes. Drogas como rapamicina, metformina e senolíticos já mostram resultados promissores em estender não apenas a vida, mas a saúde ativa, reduzindo a incidência de doenças crônicas.

Essa mudança representa um paradigma revolucionário: a transição da medicina curativa para a preventiva. Em vez de esperar que as pessoas fiquem doentes para então tratá-las, a nova abordagem foca em manter a saúde e a vitalidade por mais tempo, adiantando-se às doenças. Isso não apenas melhora a qualidade de vida, mas também reduz os custos sociais e econômicos associados ao envelhecimento. Se combinada com políticas públicas inovadoras – como a Aposentadoria Ativa alemã –, essa revolução científica pode transformar a longevidade de um desafio fiscal em uma oportunidade civilizatória.

Conclusão: um futuro sustentável e inclusivo

A crise europeia não é apenas fiscal, mas de imaginação. O desafio não é cortar gastos ou fechar fronteiras, mas reinventar o contrato social para o século XXI. Um pacto multigeracional que transforme a longevidade em um ativo – e não em um passivo – pode ser a chave para um futuro mais justo, próspero e coeso.

Como disse o Wall Street Journal, "reforming welfare is politically difficult". Mas a alternativa – a inércia – é ainda mais custosa. A aposentadoria não precisa ser o fim da produtividade, nem a longevidade um peso para a sociedade. Com coragem política e inovação social, podemos criar um modelo que valorize todas as idades e garanta que a longevidade seja uma bênção, não uma maldição.

***Ricardo Oliveira Neves** é consultor de empresas, empreendedores e investidores que desenvolvem negócios relacionados com Tecnologia e Ciências da Vida. Ele é autor de dez livros voltados para negócios tematizando inovação e transformações sistêmicas.

Fonte: Abrapp em Foco, em 12.12.2025.